



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE**  
**DEPARTAMENTO DE BIOLOGIA**  
**CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS**

**LETÍCIA BARBOSA DE QUEIROZ**

**RESGATANDO IDENTIDADES REGIONAIS: O SABER DO VAQUEIRO  
SOBRE O TRATAMENTO DE AFECÇÕES DECORRENTES DA “PEGA DE  
BOI”**

**CAMPINA GRANDE-PB**

**DEZEMBRO – 2019**

**LETÍCIA BARBOSA DE QUEIROZ**

**RESGATANDO IDENTIDADES REGIONAIS: O SABER DO VAQUEIRO  
SOBRE O TRATAMENTO DE AFECÇÕES DECORRENTES DA “PEGA DE  
BOI”**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado a Universidade Estadual da  
Paraíba, como requisito parcial à  
obtenção do título de graduação em  
Licenciatura em Ciências Biológicas.

**Orientadora:** Prof. Dr<sup>a</sup>. Érica Caldas Silva de Oliveira

**CAMPINA GRANDE- PB**

**DEZEMBRO – 2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

Q38r Queiroz, Leticia Barbosa de.  
Resgatando identidades regionais [manuscrito] : o saber do vaqueiro sobre o tratamento de afecções decorrentes da "Pega de boi" / Leticia Barbosa de Queiroz. - 2019.  
44 p. : il. colorido.  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Biológicas) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, 2019.  
"Orientação : Profa. Dra. Érica Caldas Silva de Oliveira ,  
Coordenação de Curso de Biologia - CCBS."  
1. Etnografia. 2. Vaquejadas. 3. Tradição cultural. 4.  
Identidade regional. I. Título

21. ed. CDD 306

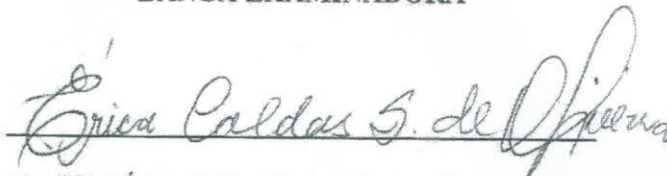
LETÍCIA BARBOSA DE QUEIROZ

**RESGATANDO IDENTIDADES REGIONAIS: O SABER DO VAQUEIRO  
SOBRE O TRATAMENTO DE AFECÇÕES DECORRENTES DA "PEGA DE  
BOI"**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado a Universidade Estadual da  
Paraíba, como requisito parcial à  
obtenção do título de graduação em  
Licenciatura em Ciências Biológicas.

Aprovada em: 04/12/2019

**BANCA EXAMINADORA**



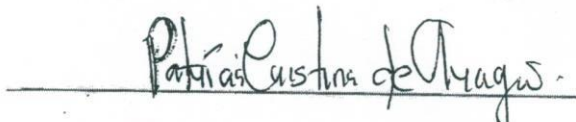
Profª Drª Érica Caldas S. de Oliveira (Orientadora)

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profª Drª Karla Patrícia de Oliveira Luna

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profª Drª Patrícia Cristina de Aragão

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer a **Deus**, por toda força e por me conceder a paciência para a conclusão desse trabalho. As mãos dele estão desde o título até a última página dessa pesquisa, logicamente não conseguiria dar continuidade sem a ajuda de Deus.

Minha eterna gratidão a minha família, em especial a minha mãe! Que não mediu esforços para me conceder uma boa educação desde o ensino fundamental a graduação. Minha mãe que sempre batalhou e insistiu para que nunca desistisse dos meus sonhos, projetos, não têm palavras para agradecer a minha mãe pelo o esforço.

Quero agradecer a minha orientadora por todo apoio, pela cumplicidade no auxílio da concretização do trabalho. Que foi mesmo que “ser minha mãe”, sentava comigo elencando as partes interessantes e o que precisava ser corrigido. Que mandava trabalhos (já que o tema era bem escasso na internet), artigos para auxiliar na construção da pesquisa e sempre me acompanhava de perto, obrigada por todo direcionamento Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Érica Caldas Silva de Oliveira.

Quero agradecer as minhas amigas: Dafne Macedo e Ricácia Sousa por toda a amizade e pela gentileza que fizeram por mim ao longo da graduação! Agradeço por todo empenho e sempre insistindo para que eu nunca desistisse dos meus sonhos, do meu curso. Obrigada a todos os meus amigos por todo o apoio.

Minha gratidão a toda a turma 2015.2 de Ciências Biológicas (integral), turma que sempre foi unida para estudar e tirar dúvidas uns dos outros, acredito que seja um gesto muito singelo. Agradecer em especial a Beatriz Ferreira (aninha, apelidada carinhosamente), Catarina Pereira, Maria Tália e Mateus Manassés pela amizade e por todas as risadas. Pessoas que moram tão longe um do outro, mas que se completaram divinamente! Não tenho palavras para descrever o carinho que eu sinto por cada um de vocês.

Minha gratidão aos vaqueiros por todo auxílio! Compartilhando os seus riquíssimos conhecimentos sobre vaquejadas e sobre os recursos terapêuticos naturais que eles geralmente utilizam nos animais. Agradeço a todos! Em especial aos vaqueiros: Inácio Mota e família; Zuzu de bem bem (como é mais conhecido) e família; Miguel do Leite (como é mais conhecido) e família.

Agradecer a Dona Vera, diretora da escola Irmãos Alexandrino, e as professoras por todo o empenho! Realizamos trabalhos com as crianças para promover uma educação ambiental e foi muito produtivo, obrigada por toda a amizade.

À banca examinadora por ter aceitado o convite para participar desse momento tão importante na minha caminhada, enriquecendo a mesa e a mim com seus conhecimentos, meu muito obrigada.

Ao professor José Iranildo Miranda de Melo pelo auxílio na identificação do material botânico.

Finalmente agradecer a Universidade Estadual da Paraíba pelo ótimo grupo de professores e pela infraestrutura. Agradecer a todos que fazem parte da instituição, desde o faxineiro até o reitor, independentemente das posições que exercem na UEPB, todos tem sua importância, todos são iguais.

## RESUMO

A figura do vaqueiro, cantada em verso e prosa, representa para além da tradição um ícone da conquista dos sertões nordestinos. Homem forte que desbravou as áridas terras e vegetação da caatinga, a procura do gado que se perdia nos sertões. Associada á figura do vaqueiro tem-se as competições de vaquejadas, práticas culturais destacadas na região Nordeste do Brasil, tais práticas se modificaram ao longo do tempo, contudo, o vaqueiro ainda representa esta identidade para a região. Considerando abordagens etnográficas, objetivou-se com este estudo identificar no saber de vaqueiros, que recursos foram e são normalmente utilizados para tratamento dos animais e dos próprios vaqueiros, quando estes sofrem lesões ao se exporem a vegetação xerófita e com espinhos. Utilizou-se a técnica de entrevistas abertas e livres, em que os atores sociais tiveram liberdade em expressar sua vida no campo, aplicando-se posteriormente um questionário com a finalidade de coletar dados sociais dos vaqueiros. Os resultados apresentados, revelaram que os vaqueiros têm um grande saber apreendido à medida que exercem seus ofícios e que fazem uso de plantas, animais e outros recursos para tratar suas lesões, bem como aquelas que acometem animais que se machucam durante a pega do boi. Entre as plantas mais citadas destacam-se: *Mimosa tenuiflora* (jurema – preta) e *Pilosocereus gounellei* (alastrado). Os vaqueiros fazem uso também de banhas de animais como a de *Crotalus durissus* (cascavel) e de *Sus scrofa* (porco). Apesar das mudanças que ocorreram nas práticas de vaquejadas e pegas de boi, a figura do vaqueiro ainda é muito tradicional na região Nordeste do Brasil.

**Palavras-chave:** Tradição. Vaquejadas. Etnografia.

## ABSTRACT

The figure of the cowboy, sung in verse and prose, represents beyond tradition an icon of the conquest of the northeastern backlands. Strong man who broke through the arid lands and vegetation of the caatinga, looking for lost cattle in the backlands. Associated with the figure of the cowboy are the competitions of cowboys, cultural practices highlighted in the Northeast of Brazil, such practices have changed over the however, the cowboy still represents this identity for the region. Considering ethnographic approaches, this study aimed to identify the knowledge of cowboys, what resources were and are usually used to treat the animals and the cowboys themselves when they suffer injury when exposed to xerophyte vegetation and with thorns. The technique of open and free interviews was used, in which the social actors were free to express their life in the field, later applying a questionnaire to collect social data from cowboys. The results presented showed that cowboys have a great knowledge seized the measure who exercise their trades and who use plants, animals and other resources to treat their injuries, as well as those that affect animals that injure themselves during take it from the ox. Among the most cited plants are: *Mimosa tenuiflora* (black jurema) and *Pilosocereus gounellei* (sprawling). Cowboys also use lard *Crotalus durissus* (rattlesnake) and *Sus scrofa* (pig). Notwithstanding the changes that have occurred in the practices of vaquejadas and ox handles, the figure of the cowboy is still very traditional in northeastern Brazil.

Keywords: Tradition. Cracked. Ethnography.



## **LISTA DE FIGURAS**

## **PÁGINA**

|  |    |
|--|----|
| Figura 1 – Localização do município de Santa Cruz do Capibaribe no mapa do estado de Pernambuco..... | 23 |
| Figura 2 – Localização do município de Brejo da Madre de Deus no mapa do estado de Pernambuco.....   | 23 |

## **LISTA DE QUADROS**

## **PÁGINA**

|   |    |
|---|----|
| Quadro 1- Principais plantas e animais utilizados pelos vaqueiros, Município de Santa Cruz do Capibaribe – PE e Brejo da Madre de Deus – PE, 2019 .....                                 | 27 |
| Quadro- 2 Recursos terapêuticos apreciados pelos vaqueiros para o tratamento de afecções em animais na cidade de Santa Cruz do Capibaribe – PE e Brejo da Madre de Deus– PE, 2019 ..... | 34 |

## SUMÁRIO

|  |    |
|--|----|
| <b>1 INTRODUÇÃO</b> .....  | 10 |
| <b>2 OBJETIVOS</b> .....   | 12 |
| <b>21 Objetivo Geral</b> .....   | 12 |
| <b>22 Objetivos Específicos</b> .....  | 12 |
| <b>3 REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....   | 13 |
| <b>31 A Figura do Vaqueiro</b> .....   | 13 |
| <b>3.1.1 O Herói de Gibão</b> .....  | 14 |
| <b>32 A vaquejada</b> .....  | 16 |
| <b>33 Recursos Naturais Utilizados pelos Vaqueiros no Trato das Afecções</b> ..... | 20 |
| <b>3.3.1 A História do Boi Mulatinho</b> .....                                     | 21 |
| <b>4 METODOLOGIA</b> .....   | 23 |
| <b>41 Local do Experimento</b> .....   | 23 |
| <b>42 Tipo de Pesquisa</b> .....   | 25 |
| <b>43 Critérios de Inclusão e Coleta de Dados</b> .....                            | 25 |
| <b>5 RESULTADOS E DISCUSSÃO</b> .....  | 27 |
| <b>51 Aspectos Sociais</b> .....   | 27 |
| <b>52 Relatos Etnográficos</b> .....   | 29 |
| <b>53 Recursos Utilizados</b> .....  | 33 |
| <b>6 CONCLUSÕES</b> .....  | 40 |
| <b>REFERÊNCIAS</b> .....   | 41 |

## 1 INTRODUÇÃO

Considerado uma figura emblemática da cultura nordestina o vaqueiro representa uma entidade no processo de ocupação histórica dos sertões da região Nordeste.

Os espaços de ocupação geográfica na região dão-se primeiramente pela faixa litorânea com a produção da cultura canavieira, estabelecendo importante ciclo econômico do Brasil colônia entre os séculos XVI e XVIII (FREIRE, 2013). Contudo, para o interior do Nordeste com seus ciclos intermitentes de chuva e com uma vegetação adaptada as condições de semiaridez, desbravar estas terras se constituiu em um processo mais lento de colonização, criando estradas de boiadas, desbravando as áreas de caatinga, formação vegetal característica da região e criando os pousos e currais como bases para o estabelecimento das primeiras boiadas (QUEIROZ, 2010).

Foi o vaqueiro, a figura humana de acordo com Queiroz (*op cit.*), o responsável por esta lenta e esplêndida marcha mugida e aboiada pelos sertões, pela civilização do couro e depois do pastoreio.

Este homem que pode ser considerado a maior escultura viva erigida até hoje nos sertões do Nordeste e de outras regiões do Brasil; este homem que singrou cada palmo de chão à procura de pastos bons e maiores para a criação de gado *vacum que*, com o rebanho se avolumando, já não podia viver beirando a orla, soube que imprescindível era, portanto, descortinar o horizonte longínquo do sertão; esta escultura humana, que ampliou a geografia da então colônia trocando o canavial pela caatinga e a roupa de algodão pela roupa de couro, de que se vestiu da cabeça aos pés; a esta escultura – figura emblemática do sertão e nordeste brasileiro –, chamo-a: O VAQUEIRO, (QUEIROZ, p. 75, 2010).

Passa a ser função do vaqueiro e não do fazendeiro sair pelos campos, pelas vastas extensões de terra, aprendendo a dominar técnicas da “pega do boi”, do chamado da boiada, do lidar com uma natureza hostil e incerta, tratar de suas doenças e das

doenças do gado quando se encontravam na caatinga fechada, a procura de reses perdidas, garrotes bravios que se desgarravam do bando.

Neste caminho histórico e cultural que construiu o cenário dos processos de colonização dos sertões nordestinos, o vaqueiro se torna um ator social importante na nossa tradição, uma figura sobre a qual se constrói lendas e crenças históricas (CASTELO BRANCO, 2011).

Ao adentrar as matas densas ou ralas o vaqueiro também vai apreender conhecimento sobre uso de plantas, animais e outros materiais que podiam ser utilizados nas suas práticas de cura, uma vez que, estes vaqueiros necessitavam permanecer dias afastados de casa, construindo e transmitindo saberes passadas as gerações futuras. A figura tradicional do vaqueiro se encontra ainda muito presente em alguns rincões do Nordeste brasileiro. Entretanto, nos dias de hoje esse vaqueiro é também aquele que participa de encontros de vaquejada, prática da derrubada de boi, comum em festas tradicionais da região.

Em face deste contexto e considerando a relevância de resgatar um pouco da história do vaqueiro nordestino, essa pesquisa buscou analisar na perspectiva deste ator social, os meios através dos quais os vaqueiros cuidam de suas lesões ou de lesões nos animais resultantes da lida de seu ofício.

## **2 OBJETIVOS**

### **2.1 Objetivo Geral**

Identificar o uso de recursos naturais, com efeito cicatrizante ou anti-inflamatório no tratamento de lesões causadas pela “pega de boi”.

### **2.2 Objetivos Específicos**

Elencar plantas medicinais utilizadas pelos atores sociais com finalidades terapêuticas, avaliando as formas de manejo;

Associar plantas usadas para tratamento de lesões no vaqueiro e nos animais, destacando algumas de manipulação, destacando os meios de transmissão de saberes tradicionais das práticas culturais do uso de plantas medicinais, facilmente encontradas na caatinga;

Elencar uso de animais ou outros recursos naturais no tratamento de lesões durante a lida das pegas de boi.

### 3 REFERENCIAL TEÓRICO

#### 3.1 A Figura do Vaqueiro

A figura do vaqueiro começa a surgir com a interiorização do gado, decorrente da monocultura da cana-de-açúcar na região do litoral do Nordeste e consequente ocupação dos espaços geográficos mais para o interior da região, chegando as áreas de caatinga, de acordo com Cascudo (1965).

A Casa da Torre, no seu ninho na encosta de tatuapara, nove léguas da cidade do Salvador, constituiria, com fome de terra e força irresistível, a expansão do instinto povoador, alargando os limites numa cega, diária e quase inconsciente, impulsão natural de posse dos terrenos pela pecuária. É um avanço irradiante, contínuo, geração a geração, manadas de gado conduzidas pelos guerreiros emplumados e capatazes que são os melhores mosquetes da época. [Sobre o papel das buscas das minas e do ouro no início do processo de povoamento, arremata o autor potiguar] A ideia de „mina“ justifica a pesquisa, mas o curral de gado era a fixação. [...], (CASCUDO, 1965, p. 2-3).

E ainda Queiroz (2010, p. 72) acrescenta: Protagonista do maior fenômeno sociocultural-econômico de fixação e unidade em toda a região Nordeste e em outras regiões do país, o vaqueiro foi o bandeirante que pontuou o território baiano com locais de pouso e currais que se transformariam nas primeiras cidades do interior da Bahia e do Nordeste. Para tanto, a partir do século XVI, a “civilização do couro” ou civilização vaqueira criou, recriou e cria saberes, procedimentos.

Cascudo (2001 a) assim descreve: Ser vaqueiro é ser destemido, corajoso; é ser perseverante, ter paciência e sabedoria. É sua função buscar o gado e encaminhá-lo ao seu destino. O vaqueiro dá nome ao boi, sabe como tratá-lo e até conversar com ele. O vaqueiro tem duas características: o aboio e vestimentas; desde a ilha do Marajó até o sul do país, elas o identificam. Em alguns lugares é o vaqueiro; em outros o boiadeiro, mas é sempre o „homem que toma conta do boi“, ao lado dos seus grandes amigos, o cavalo e o cão.

O aboio foi um elemento importante no ofício do vaqueiro, como sustenta Boaventura,

[...] vê-se que em toda parte por onde rolou um aboio vespertino para o pouso, marcando o final de uma marcha, ou se acendeu a trempe para o repasto rude de uma tropa, caiu a semente de uma cidade ou vila sertaneja. A história de muitas vilas, de muitas cidades, quando não é o eco de um salmo ou de um a ladainha [...] é a ressonância de um aboiado, de uma estrada das grandes boiadas [...] e houve cidade que nascendo de simples curral fez de um mourão deste um símbolo seu [...] (BOAVENTURA, 1989, p. 39).

O aboio, segundo Paz (1998, p. 52) afirma: é o que engendra em nós uma disposição de ânimo que só poderá acalmar-se quando sobrevier „algo“. Coloca-nos em atitude de espera. Sentimos que o ritmo é um ir até algo, ainda que não saibamos o que possa ser esse algo. (...). Assim, pois, o ritmo não é uma medida vazia de conteúdo; é uma direção, um sentido. Conforme Zumthor (2010, p.36) “a forma de aboiar se percebe em performance, mas a cada performance ela se transmuda”. Cascudo ainda descreve a caracterização do aboio (1921): “som, queixume, esperança, prece e desalentos elavam para aquele céu azul”.

É obrigação do vaqueiro, o aboio era uma necessidade para o desempenho do trabalho. Sem aboiar, o profissional poderia não obter resultado positivo na tarefa que precisava executar, Medina (2017, p. 65). Ainda, a autora citada relata o intuito do aboio, baseado na entrevista com o vaqueiro Valdomiro Francisco Medina, “o aboio serve para o gado entender, caminhar, saber que o aboio é para eles andar. O aboio controla o gado; conquista o gado”, Medina (2017, p.69).

### ***3.1.1 O Herói de Gibão***

A vestimenta e acessórios eram imprescindíveis para a captura desses animais. O gibão (jaqueta de couro, sobretudo), perneira (calça), chapéu (de couro de abas largas e geralmente dobradas no meio), peitoral (aventil de couro), luvas e botas de couro. Esse tipo de material protege a pele do vaqueiro contra queimaduras solares, galhos, espinhos verdes ou das árvores da caatinga, peculiaridades próprias do Nordeste brasileiro.



Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2011) afirma que o vaqueiro é afiliado a um “ser nordestino”. E para um melhor entendimento sobre a figura do ser nordestino, nada melhor que exemplificar através de um trecho da obra *Ataliba, o Vaqueiro*, de Francisco Gil Castello Branco, onde Ataliba, personagem central, pode ser enxergado como uma metáfora do sertanejo piauiense:

[...] era moço, tinha a figura atlética e a fisionomia cheia de franqueza. [...] Os seus olhos de carbúnculo chamejavam; um ar de ventura animava o seu rosto acaboclado e o seu porte esbelto, em harmonia com o seu vestuário, dava-lhe o aspecto de magnífica estátua fundida em bronze. [...] (CASTELLO BRANCO, 2004, p. 32).

Ataliba é relatado como um ser valente, robusto que enaltece a masculinidade absoluta, viril, imagem de “uma raça forte e homogênea” a ser inscrita e difundida socialmente (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013b, p. 159). E para associar todos esses adjetivos do vaqueiro, a vestimenta o torna uma pessoa totalmente apta para esse trabalho desafiante, qual seja, laçar o gado na pega de boi.

De acordo com Queiroz (2010, p.78): Foram criados e recriados equipamentos, técnicas, procedimentos, saberes que pudessem possibilitar esse desbravar pelas caatingas, matas, agrestes, cerrados, chapadas, planaltos. Em que xiquexiques, umbuzeiros, paus-de-rato, macambiras, unhas-de-gato, rasga-gibões, mandacarus, cipós, paus-de-culé, gravatás, juntamente com outras espécies, compunham uma flora de difícil penetração, predominantemente de vegetação arbustiva densa até a arbustiva rala, que constituía uma “[...] paisagem dura, angulosa, de ervas raquíticas e com seu caos de pedras cinzentas cravadas em desordem no chão de argila seca, rachado pelo sol e vastas regiões de areia ardente”, imprimiam a necessidade de uma indumentária que protegesse minimamente o vaqueiro, (BASTIDE, 1975, p. 86).

Diante dessa atividade, que é inteiramente uma cultura nordestina, a pega de boi é similar à vaquejada, só que a derrubada de boi não acontece numa pista demarcada e sim ao ar livre, na mata fechada. O boi ou novilha é solto em meio à vegetação catingueira. Os vaqueiros vão logo em seguida à busca do gado, a fim de derrubar o

bicho, o vencedor é aquele que concluir o processo em menor período de tempo e segurar a cabeça do boi.

Esta atividade esportiva exige uma vestimenta adequada para não se machucar devido aos espinhos de juremas e touceiras de xique-xique que encontram pelo caminho. Uma das opções para o tratamento dessas feridas é o uso de fitoterápicos, pois além de ser um recurso natural é economicamente mais barato para as pessoas que têm sua renda comprometida. Segundo Macedo et al., (2007), o conhecimento tradicional sobre o uso das plantas é amplo e, na maioria das vezes, é o único artifício para o tratamento da saúde que as populações rurais tem ao seu alcance.

### **3.2 A Vaquejada**

A vaquejada é considerada um dos esportes que mais animam os nordestinos com as festas de apartação, shows, exaltando aspectos culturais e disputas realizadas na pista de vaquejada. Os eventos, com o tema relacionado, movimentam cerca de 50 milhões no mercado, além de gerar empregos de forma direta ou indiretamente. Os donos dos parques de vaquejadas geralmente alugam a boiada para a atração, alugam arquibancada, cavalos da melhor linhagem para a competição. Proprietários de indústrias alimentícias, como a ração para o gado ou para os equinos, aproveitam para comercializar seus produtos. Donos de aplicativos, que envolvem a mídia, aproveitam para transmitir as disputas, realizadas nas diferentes cidades do Nordeste, (ABVAQ, 2017).

Na atualidade, a vaquejada é considerada na região um esporte, com fortes traços culturais. A prática da vaquejada foi legalizada como esporte pela lei PL 8240/2017. Hoje, as vaquejadas se constituem como eventos grandiosos pela região Nordeste, envolvendo diversos segmentos na sua operacionalização.

Em alguns estados nordestinos, como o Ceará, Pernambuco, Paraíba, Alagoas, Bahia, Rio Grande do Norte, geram muito empregos, estima-se que milhões de pessoas são empregados nesse esporte. Por exemplo, no Rio Grande do Norte, envolve a participação de 20 mil profissionais e cerca de 50 ou 60 mil pessoas incluindo os postos indiretos relacionados à atividade, (ABVAQ, 2017).

Na região Nordeste existe mais de 700 pistas de vaquejada, onde acontecem os eventos que atraem centenas de pessoas para prestigiar as derrubadas de boi. A vaquejada acontece dentro de uma pista, com aproximadamente 150 metros de comprimento e de largura começa com 12m e termina com 42m, onde num determinado espaço haverá uma faixa, cujo boi será derrubado. Dentro dessa baliza será válido o ponto, quando o boi ao cair, mostrar as quatro patas e levantar-se dentro das faixas de classificação, o boi será julgado de pé, preferencialmente (HISTÓRIA DA VAQUEJADA, 2011).

Participa desta competição, uma dupla de vaqueiros: um vaqueiro de esteira (aquele que auxilia o puxador, adornando o boi na pista) e o vaqueiro puxador (puxa o boi pelo rabo e o derruba entre as linhas demarcadas com cal). Se o puxador derrubar o boi entre as faixas, então, "Valeu boi" e a dupla ganha seu respectivo ponto. Caso contrário, a dupla "não bate a senha", ou seja, perde o ponto e facilita que os seus adversários tenham uma melhor colocação, (HISTÓRIA DA VAQUEJADA, *op cit*).

A vaquejada geralmente começa na sexta-feira, necessitando de algum treino ou até um reconhecimento da pista. No sábado, inicia a classificação das duplas de vaqueiros, cada dupla enfrenta três bois. O primeiro boi vale em 08 pontos, o segundo 09 pontos e o terceiro 10 pontos, resultando em 27 pontos. No domingo, começa de novo só que a pontuação é diferente. O primeiro vale 11, o segundo 12 e o terceiro 13, somando 36 pontos, adicionando com os pontos anteriores (27 pontos) equivale a 63 pontos. Os 20 melhores colocados concorrem para ver quem é o campeão, (HISTÓRIA DA VAQUEJADA, 2011).

Diante disso, é necessário salientar que a vaquejada nem sempre funcionou assim. De acordo com ABVAQ (Associação Brasileira de Vaquejada), a história da vaquejada começou em meados do século 18, na cidade de Currais Novos, onde aconteciam as apartações e a feira de gado. Foram dessas apartações que surgiram as vaquejadas. O pátio de apartação de São Bento, no município de Currais Novos foi construído em 1830. Contudo, a primeira vaquejada ocorrida no mundo, segundo registros históricos ocorreu na cidade de Morada Nova no Ceará. O Rio Grande do Norte é apontado como o estado que deu o primeiro passo para a prática da vaquejada. A cidade de Currais Novos é o berço das vaquejadas, onde a tradição é mantida até os dias atuais, (ABVAQ, 2017).

Ainda de acordo com a ABVAQ, na época dos coronéis, quando não havia cercas no sertão nordestino, os animais eram “ferrados” de acordo com a marca específica que cada comandante possuía e em seguida eram soltos na mata. Alguns meses depois, os coronéis ajuntavam os peões (vaqueiros) para agrupar o gado marcado. Eram as pegas de gado, que originalmente aconteciam no Rio Grande do Norte. Montados em seus cavalos, vestidos com gibões de couro, estes bravos vaqueiros se embrenhavam na mata cerrada em busca dos bois, fazendo malabarismos para escaparem dos arranhões de espinhos e pontas de galhos secos, (ABVAQ, *op cit*).

Alguns animais se reproduziam no mato. Os filhotes eram selvagens, por nunca terem mantido contato com seres humanos, e eram esses animais os mais difíceis de serem capturados. Mesmo assim, os bravos vaqueiros perseguiam, laçavam e traziam os bois aos pés do coronel. Nessa luta, alguns desses homens se destacavam por sua valentia e habilidade, e foi daí que surgiu a ideia da realização de disputas, (BOAVENTURA, 1989).

Diante dessa atividade, que é inteiramente uma cultura nordestina, a pega de boi é similar à vaquejada, só que a derrubada de boi não acontece numa pista demarcada e sim ao ar livre, na mata fechada. O boi ou novilha é solto em meio à vegetação catingueira. Os vaqueiros vão logo em seguida à busca do gado, a fim de derrubar o bicho e resga. O vencedor é aquele que concluir o processo em menor período de tempo e segurar a cabeça do boi (FARIA, 1969).

A pega de boi utiliza ainda toda a vestimenta necessária: perneira, chapéu, gibão, luvas para se proteger dos espinhos, este é uma das que marcas que caracteriza a caatinga. O vestuário do vaqueiro era vindo do boi, os adereços do cavalo também como explicam Faria (1969, p. 14) e Boaventura: [...] era tudo tirado do boi [...] couro de arrasto para mover a terra e carregar a pedra; couro de pisar para reduzir o tabaco a rapé; couro de curtir para apurar o sal; couro de bainha para facões, facas e guicés; couro de trança para cordas, cabrestos, chicotes e arreios; couro cru para atilhos e peias; couro surrado para bruacas, mochilas, borrachas de água, alforjes e surrões; couro pregueado nas malas e baús, cadeiras, [camas] e tamboretas, nos catres usados para as doenças e partos; enfim, o couro curtido para a roupa do vaqueiro que lhe permitia

percorrer o solo de carrascais e varar a vegetação espinhenta na veloz e intrépida carreira dos seus cavalos. (BOAVENTURA, 1989, p. 18).

A pega de boi era diferente dos dias hodiernos. Antigamente, eram poucos bois que corriam, conseqüentemente poucos vaqueiros. Os bois eram mais selvagens, famosos por não serem pegos. Caso alguém conseguisse pegar o boi, independentemente de quantos, o primeiro lugar era reservado para apenas uma pessoa. O que decidia o desempate era o boi, cada um tinha um valor a ser conquistado, o maior valor era dado ao boi mais “selvagem” ou ao boi mais difícil de ser pego, geralmente. Hoje em dia em pega de boi, há mais vaqueiros, há mais bois, a premiação atende os respectivos vaqueiros, tudo depende da regulamentação de cada festividade, (LIRA COMUNICAÇÃO PESSOAL, 2019).

A figura do vaqueiro passou por muitas adaptações. Os vaqueiros de antes não são iguais os de atualmente. Os costumes sofreram mudanças para acompanhar as tecnologias que o século XXI estava trazendo, mas a sua essência não fora esquecida: amor pelo o gado, pela a vaquejada, pela cultura nordestina.

A autora Medina (2017), em sua obra *Aboio: Poesia e Canto no Compasso do Gado*, na sua entrevista com o vaqueiro Joaquim do Riachão, notou a relação do aboio com o timbre poético, com o “ritmo como agente de sedução” (PAZ, 1998, p. 53). Ele ressalta como essa canção melódica é cativante:

Nas altura aí, nós viajando com uma boiada. Aí a boiada deita, mei dia, tudo cansada, enfadada da longa viagem, a boiada deita. Aí quando é 2h da tarde, a gente levanta pra sair. A boiada toda deitada. O guiero dá um aboiado cá na saída (aponta com a mão)), a boiada alevanta toda e “encordoa” atrás. Tem boi que ama mesmo o aboio. Eles pode tá deitado lá no canto. Na hora que eles escuta o aboiado, eles vêm passando pelo gado todo pra chegar no guia. E o gado todo vem acompanhando também e todo mundo vem encordoando em riba do guia. Aquilo é o amor que o gado toma; o aboiado. Gosta demais. O gado gosta do aboiado. O vaqueiro é obrigação dele. Gosta também pra tá conquistando o gado. Ele gosta também. Todo mundo gosta. Quando vê a gente mexendo com gado e aboiano. Todo mundo gosta (ao referir-se a pessoas próximas do local onde o vaqueiro lida com o gado e aboia). Pra ver a gente aboiar com o gado (PAZ, 1998).

### 3.3 Recursos Naturais Utilizados pelos Vaqueiros no Trato das Afecções

Os vaqueiros durante as pegadas do gado se expõem não só a intensas radiações solares, mas também a variações bruscas de temperatura, chuvas, frias madrugadas e as matas de caatinga, vegetação característica do semiárido nordestino. Com abundante produção de espinhos, e que em períodos mais secos do ano aparece desfolhada, revelando galhos tortuosos que machucam os vaqueiros no interior da caatinga, mesmo quando vestidos com as suas indumentárias. Este ambiente é também áspero ao gado que se embrenha na mata e pode se ferir com os espinhos.

Em face destes aspectos, os vaqueiros foram ao longo dos anos desenvolvendo aprendizados de como lidar com as adversidades do meio ambiente em que trabalhavam e apreenderam saberes do uso de plantas, animais e outros recursos para tratar de lesões sofridas por eles e também pelos animais que buscavam e cuidavam.

O uso de plantas medicinais para o tratamento de enfermidades tanto em humanos quanto em animais possui séculos de tradição em diversas culturas (MONTEIRO, 2011). O baixo custo e a eficiência na prevenção e no tratamento de doenças (OZAKI; DUARTE, 2006) auxiliam muito para as pessoas que querem ter um estilo de vida mais saudável e economicamente mais barato.

Suas propriedades são constantemente validadas por experiências e saberes passados de geração para geração e, na maioria das vezes, transmitidas oralmente (MACHADO, 2009).

Um dos principais problemas relacionados ao uso de plantas medicinais é a ideia equivocada de que o que vem da natureza não faz mal, excluindo assim, a probabilidade de uma planta causar qualquer reação adversa ou efeito tóxico (MENDIETA et al., 2014). Para o vaqueiro, muitas espécies de plantas serviram e servem para a cura de lesões provocadas durante suas atividades. Conhecimento que estes atores sociais apreenderam de seus antepassados e passaram as gerações futuras, mantendo esse legado cultural importante.

Além do uso de plantas, os vaqueiros utilizam ainda animais e outros recursos para tratar lesões ocasionadas pelas pegadas do gado no interior das matas. Dentre estes

recursos, pode-se citar: o uso de banhas (sapo, cascavel, porco, lagartixa, cágado); breu; enxofre; gás de candeeiro; sebo de carneiro capado; rabo de tatu; álcool; fel do boi; sal.

### **3.3.1 A História do Boi Mulatinho**

A globalização interferiu muito nos costumes nordestinos, principalmente quando se trata de remédios utilizados pela comunidade. Os remédios sintéticos ocuparam grande espaço na vida desses atores sociais, mas o conhecimento do remédio do “mato”, que é passado de pai para filho ao longo de muitos anos, não foi perdido. O poema sobre o boi mulatinho do autor Didi Carneiro (2015) reforça ainda mais a utilização de fitoterápicos pelos vaqueiros: “Mulatinho quando corre/ Ele não procura jeito/ Mororó, jurema-preta/ Ele leva de eito/ Rola pedra no casco/ Leva Angico no peito” (DIDI CARNEIRO, 2015).

O boi mulatinho foi muito famoso na região Nordeste, principalmente nos estados da Paraíba e Pernambuco. Ele nasceu na cidade de Barra de São Miguel, no século XX, na fazenda Umbuzeiro e o seu dono era chamado Abílio Pedrosa. O boi mulatinho ficou famoso, por causa da sua bravura a ponto de ninguém derrubar nas festas de “pega de boi”. O boi fora chamado assim, porque o vaqueiro que cuidava do gado e dos outros animais era Zé Mulato. Este conseguiu derrubar o boi mulatinho muito pequeno (mas não em pega de boi), mas ele ficou muito bravo e ninguém, além dele conseguiu derrubar: “Seu Augusto ouvi falar/ Não sei se é exato/ É conversa de feira/ Mas ouvi este boato/ Só que pega mulatinho/ É o vaqueiro Zé Mulato” (DIDI CARNEIRO, 2015).

A fazenda não tinha currais (praticamente todas as fazendas daquele tempo e o gado vivia solto), no entanto, o gado era marcado com o brasão da fazenda. Por apresentar essa liberdade, o gado tinha essa característica de selvagem e com o boi mulatinho não foi diferente: “Mulatinho quando viu/ Disse a coisa está séria/ Os cabras são espertos/ O diabo é quem espera/ Saiu na carreira/ Que parecia uma fera” (DIDI CARNEIRO, *op cit.*).

O boi Mulatinho participou de quatro festas de pega de boi, sendo que nenhum vaqueiro levou o prêmio que o boi Mulatinho estava valendo (por ser difícil sua captura, ele valia mais). Morreu de sede e velhice, segundo Pedro Pedrosa, outro vaqueiro da fazenda. A sua história foi muito destacada e repassada de geração para geração. Sua memória serve de exemplo para as festas de pega de boi, que acontecem nos dias hodiernos.



## 4 METODOLOGIA

### 4.1 Local de experimento

O estudo foi realizado no período de abril a outubro de 2019, na zona urbana do município de Santa Cruz do Capibaribe – PE e zona rural do município de Brejo da Madre de Deus – PB. A escolha de entrevistas na zona urbana para o município de Santa Cruz do Capibaribe deu-se pelo fato da maioria dos vaqueiros neste município encontrar-se residindo na zona urbana, o mesmo não se observou para os informantes de Brejo da Madre de Deus.

Santa Cruz do Capibaribe encontra-se a 7° 56' 32" Sul e 36° 13' 54" a Oeste dos meridianos no agreste do estado de Pernambuco (Figura 1), distando cerca de 185,7 Km de Recife a capital do estado. Sua população em 2017 era de 105.761 habitantes (IBGE, 2010). Cidade que deu certo (fenômeno conhecido como Milagre da Sulanca) no Polígono das Secas, Santa Cruz, além de uma cidade polo, é a maior produtora de confecções do estado de Pernambuco, segundo o SENAI e a 2ª maior produtora de confecções do Brasil, ficando atrás apenas da capital paulista e possui o maior parque de confecções da América Latina em sua categoria, o Moda Center Santa Cruz. A densidade demográfica é de 261,2 habitantes por Km<sup>2</sup> no território do município (IBGE, 2010).

Próximo dos municípios de Toritama, Caruaru e Taquaritinga do Norte, Santa Cruz do Capibaribe se situa a 57 km ao Sudeste de Caruaru a maior cidade nos arredores.

Figura 1 – Localização do município de Santa Cruz do Capibaribe – PE



**Fonte:** [https://pt.wikivoyage.org/wiki/Santa\\_Cruz\\_do\\_Capibaribe](https://pt.wikivoyage.org/wiki/Santa_Cruz_do_Capibaribe), (2019)

A cidade de Brejo da Madre de Deus- PE fica próxima de Santa Cruz, cerca de 41 Km de distância. No município de Brejo da Madre de Deus, encontra-se localizado o icônico Teatro de Nova Jerusalém (Distrito de Fazenda Nova), neste Teatro a céu aberto se realiza a popular encenação da Paixão de Cristo de Nova Jerusalém. As coordenadas geográficas do município são: 08° 08' 45"S e 36° 22' 15"O, também localizado no agreste pernambucano (Figura 2), o último censo de 2010 registrou o número de 45.180 habitantes. O município fica distante da capital do estado em 204 Km, (IBGE, 2010).

Figura 2 – Localização do município de Brejo da Madre de Deus- PE



**Fonte:** Fonte: [https://pt.wikivoyage.org/wiki/Brejo\\_da\\_Madre\\_de\\_Deus](https://pt.wikivoyage.org/wiki/Brejo_da_Madre_de_Deus), (2019)

#### 4.1 Tipo de Pesquisa

A presente pesquisa é de cunho qualitativo evidenciando valores, crenças, representações, hábitos, atitudes e opiniões (MINAYO; SANCHES, 1993), ainda se apresenta como um estudo exploratório, descritivo, de caráter transversal. Por propiciar maior familiaridade com o problema, descrever características de um determinado grupo da população ou fenômeno e permitir associações entre variáveis em determinado recorte temporal para os atores sociais pesquisados (GIL, 2008).

A pesquisa, primordialmente teve enfoque em aproximar a figura do vaqueiro com o conhecimento que eles apresentam sobre plantas medicinais e outros recursos utilizados no tratamento de lesões. Foi utilizada a técnica de entrevistas abertas e livres (MOURÃO; NORDI, 2006), em que os atores sociais tiveram liberdade em expressar sua vida no campo, de como aplicavam seus saberes fitoterápicos, zoterápicos entre outros, para consigo e nos animais.

#### 4.2 Critérios de Inclusão e Coleta de Dados

Determinou-se como principal critério de inclusão que o vaqueiro deveria ter idade acima de 30 anos, tal critério buscou estabelecer por parte desse ator social um conhecimento sobre o viver do vaqueiro. Outro critério utilizado na escolha dos atores sociais foi uma experiência de práticas de vaquejada acima de 10 anos, de modo que se pudesse apreender dos saberes dos vaqueiros em vaquejadas e pegas de boi saberes que revelassem práticas culturais tradicionais, assim como atividades mais recentes do ofício do vaqueiro. O meio através do qual se chegou ao informante foi a indicação por parte da população dos especialistas locais. Estes por sua vez indicaram novos informantes, aplicando-se assim *Snowball*, “Bola de Neve” de acordo com Goodman (1961).

As conversas com os vaqueiros eram realizadas de forma individualizada, para que não interferisse no resultado da pesquisa. As entrevistas eram baseadas na espontaneidade e as famílias dos vaqueiros poderiam, desde que quisessem, contribuir

com algum conhecimento relacionado ao tema. As falas dos vaqueiros foram registradas em cadernos de campo para posterior transcrição dos resultados. Durante as conversas com os atores sociais foram realizadas questões acerca de seus dados sociais, além de questionamentos sobre seus conhecimentos do uso de fitoterápicos ou outros recursos em animais que apresentavam lesões decorrentes de esporte de vaquejada.

Realizou ainda registros etnográficos de alguns dos atores sociais entrevistados, para tanto, foram elencados os relatos daqueles atores que apresentavam uma maior fluência e mais facilidade para expressar suas experiências, considerando que alguns dos atores sociais entrevistados muitas vezes se sentem inibidos de se expressar. Deste modo, se relatou as falas e vivências de sete vaqueiros, uma vez que, os demais apenas citaram os recursos utilizados.

## 5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

### 5.1 Aspectos Sociais

Encontram-se expressos no Quadro 1 os resultados das entrevistas realizadas com 19 dos 26 atores sociais que contribuíram com a busca de dados desta pesquisa. Como referido na metodologia, do total dos 26 vaqueiros entrevistados, sete foram elencados para relatar suas falas nos registros etnográficos, portanto não expressos na tabela. Estes apresentaram mais desenvoltura nas falas que permitiu registra-las.

Quadro 1-Tempo de ofício, município de origem e recursos utilizados pelos vaqueiros nos municípios de Santa Cruz do Capibaribe e Brejo da Madre de Deus em Pernambuco, 2019

| Informante/Idade                            | Tempo de Ofício/anos | Município de Origem           | Recursos Naturais Usados  |
|---|----------------------|-------------------------------|---|
| Benedito M. Ramos/50anos                    | 40                   | Santa Cruz do Capibaribe - PE | Plantas: jurema-preta, quixabeira, catingueira (estanca o sangue e amarra com a folha do Mororó, pois é tradição), aroeira, babosa (pra o gado beber)     |
| Heleno M. da Silva/59 anos                  | 48                   | Santa Cruz do Capibaribe - PE | Plantas: Bom-nome, quixabeira, aroeira, batata de purga, jurema-preta, leite de pinhão, babosa; Outros: água de sal com vinagre, manteiga derretida, bréu |
| Jeconias J. da Silva (Zomi) /49 anos        | 37                   | Santa Cruz do Capibaribe - PE | Plantas: jurema-preta, aroeira, angico, cumaru, quixabeira, mastruz na ração; Outros: enxofre e breu para quebradura, banha de cascavel                   |
| Cícero do Ó/57anos                          | 50                   | Santa Cruz do Capibaribe - PE | Plantas: jurema-preta, babosa, angico, aroeira, baba de palma (pra puxar espinho), marmeleiro, leite de pinhão  |
| Gabriel P. dos Santos/69 anos               | 59                   | Santa Cruz do Capibaribe - PE | Plantas: aroeira, cumaru, quixabeira, bom-nome, mastruz, babosa, alastrado; Outros: banha de porco, óleo de coco, mastruz com enxofre (pra quebradura)    |
| José B. Filho/63                            | 53                   | Santa Cruz do Capibaribe - PE | Plantas: aroeira, pau de piranha, bom-nome, juazeiro, jurema-preta, quixabeira, mastruz com leite; Outros: breu (quebradura)                              |
| Heleno de O. de Ramos/70 anos               | 60                   | Santa Cruz do Capibaribe - PE | Plantas: alastrado, babosa, baba de facheiro e mandacaru, ameixa, leite de pinhão, catingueira; Outros: breu, mastruz e enxofre (quebradura).             |
| João Martiniano da Silva (pinhacó) /77 anos | 65                   | Santa Cruz do Capibaribe - PE | Plantas: jurema-preta, aroeira, babosa (este com sal puxa espinho), mastruz com leite (quebradura)  |
| Luiz J. da Silva (Lula da vila) /50anos     | 38                   | Santa Cruz do Capibaribe - PE | Plantas: alastrado, jurema-preta, cajueiro, quixabeira; Outros: banha de cascavel e galinha, enxofre e breu (quebradura)                                  |
| Pacífico J. do Nascimento/88 anos           | 76                   | Brejo da Madre de Deus - PE   | Plantas: leite de pinhão, maniçoba, alastrado, mandacaru, facheiro; Outros: breu e enxofre  |
| Cecílio J. de Albuquerque/53 anos           | 42                   | Brejo da Madre de Deus - PE   | Plantas: catingueira, alastrado, quixabeira, aroeira, jurema-preta, cajueiro; Outros: fê do boi e banha de porco (pra tirar espinho), breu                |
| José N. de Sousa/51 anos                    | 33                   | Brejo da Madre de Deus - PE   | Plantas: ameixa, jurema-preta, angico mais álcool, alastrado; Outros: rabo de tatú, banha de cascavel, fê do boi (puxar espinho), breu, enxofre           |
| Sérgio M. Araújo/33anos                     | 23                   | Brejo da Madre de Deus - PE   | Plantas: catingueira, leite de pinhão, cumaru, jurema-preta, aroeira, quixabeira, cedro, babosa, alastrado, (puxar espinho); Outros: breu e enxofre       |

|   |    |                             |  |
|---|----|-----------------------------|--|
| Washington de S. Silva/33anos                   | 15 | Brejo da Madre de Deus – PE | Plantas: leite de pinhão, ameixa, jurema-preta, cumaru, aroeira, cajueiro, alastrado; Outros: banha de carneiro e cascavel   |
| Sebastião J. da Silva/73 anos                   | 60 | Brejo da Madre de Deus – PE | Plantas: aroeira, quixabeira, cajueiro, ameixa, jurema-preta, alastrado mastruz com breu (bota com água)   |
| José Edmundo M. Barbosa (Zé de Inaldo) /58 anos | 48 | Brejo da Madre de Deus – PE | Plantas: leite de pinhão, aroeira, ameixa, jurema-preta, quixabeira, cajueiro, alastrado, babosa; Outros: banha de cascavel, banha de cágado (pra tirar espinho), mastruz e breu |
| Agostinho Teotônio Silva/76 anos                | 66 | Brejo da Madre de Deus – PE | Plantas: babosa, jurema-preta, aroeira, cedro, aroeira, quixabeira, ameixa, alastrado, mastruz   |
| José P. da Silva (Tanta Tenório) /82 anos       | 68 | Brejo da Madre de Deus – PE | Plantas: cumaru, ameixa, quixabeira, maniçoba, cabacinha (puxar espinho), maxixe com breu, mastruz, alho (quebradura)  |
| Joel F. da Silva (Branco) /70 anos              | 58 | Brejo da Madre de Deus – PE | Plantas: aroeira, jurema-preta, quixabeira, cajueiro, ameixa, cedro, bom-nome, cumaru, alastrado, mastruz  |
| Eurides José Batista (Redinha) /55 anos         | 35 | Brejo da Madre de Deus – PE | Plantas: jurema-preta, aroeira, cajueiro, ameixa, cumaru; Outros: alastrado banha de cascavel (puxar espinho), breu  |

Neste estudo foram entrevistados vaqueiros que exercem a profissão com veemência. Seja como profissão, seja como lazer, a atividade esportiva é levada a sério. Observou-se que essa profissão é comandada por homens, visto que é uma atividade brutal exigindo muito esforço mental e corporal do vaqueiro. O ofício de vaqueiro é uma arte. Trabalho em pecuária alongada além de incerto e aventureiro sujeitava a cada dia o trabalhador a uma quantidade de riscos, exigindo destreza e treino, como afirma Ribeiro (1998), em seu estudo abordando o trabalho, negócio e cultura de vaqueiros no nordeste mineiro.

Dos resultados coligidos nesta pesquisa se observou que o ofício de vaqueiro começa cedo na vida dos entrevistados, a faixa etária dos vaqueiros que aqui compuseram o recorte amostral variou de 31 a 88 anos de idade (Quadro 1). A prática da lida com o gado e as pegas de boi começou na pré-adolescência e na adolescência para a maioria dos entrevistados (92, 7%). Apenas dois vaqueiros iniciaram seu ofício acima dos 20 anos.

No que diz respeito as formas de apreensão dos saberes os vaqueiros afirmaram que os conhecimentos eram e são recebidos por outros vaqueiros mais experientes, familiares ou não, sempre por transmissão oral.

Nas suas falas os entrevistados relatam saberes e práticas que possuem sobre os remédios do “mato” para afecções dos animais envolvidos durante as pegas de boi ou

vaquejadas. A fala de Leonardo aboiador, um dos vaqueiros entrevistados, explica muito desse conhecimento:

Eu já nasci dentro do curral praticamente. Desde criancinha eu luto com bicho entendeu? Ai corro no mato, corro na pista de vaquejada também. E a rapa de catingueira, a gente usa quando um animal se corta no mato, e de última hora não tem outro remédio, a gente rapa a catingueira, bota em cima e estanca o sangue ou o cabelo dele mesmo. A babosa já usei muito quando um animal se “estrepa”, fica pedaço de pau dentro, a gente bota o “impastro” da babosa, entendeu? Ai aquilo vai puxando até que sai o pedaço de pau.

## 5.2 Relatos Etnográficos

Os textos abaixo trazem os relatos de sete vaqueiros entrevistados. Estes atores sociais, considerados especialistas em suas localidades revelaram em suas falas suas vivências no ofício, suas representações e práticas e suas relações com o saber apreendido para tratar a se próprio e os animais que se ferem durante as buscas nas matas dos sertões nordestinos ou em festas de apartação.

### **Ronaldo B. da Silva (Maguila-57 anos), Santa Cruz de Capibaribe, vaqueiro há mais de 30 anos**

As plantas que mais seu Ronaldo utiliza para tratar afecções no gado são: *Mimosa tenuiflora* (Willd.) Poir (jurema preta), *Anacardium occidentale* L. (cajueiro roxo) e *Monteverdia rigida* (Mart.) Biral (bom nome).

“A casca da jurema preta e do cajueiro roxo faz o chá e depois mergulha o pano e passa no animal”.

### **Leonardo de Sousa Andrade (Leonardo aboiador – 42 anos), Santa Cruz de Capibaribe, vaqueiro a mais de 30 anos**

As plantas que mais seu Leonardo utiliza para tratar afecções no gado são: *Cenostigma pyramidale* (Tul.) Gagnon & G. P. (catingueira), *Aloe vera* (L.) Burm. (babosa) e *Pilosocereus gounellei* (F. A. C. Weber) Byles & G. D. Rowley (alastrado). Sobre estas plantas seu Leonardo afirma que:

O “impastro” da babosa puxa o espinho que entrou no animal. Quando um animal se “espinha” com o espinho de “lastrado”, a gente abre o pé de “lastrado” e passa a “baba” em cima também que puxa os espinhos, é muito bom, é muita coisa, muita coisa mesmo.

**Aleixo Barbosa da Silva (Leu – 57 anos), Santa Cruz do Capibaribe, vaqueiro a 47 anos**

Seu Leu faz uma garrafada de *Bixa orellana* L. (colorau). Utiliza para tratar machucado nos animais as plantas *M. tenuiflora* (Willd.) Poir (jurema preta), *M. rigida* Mart. (bom nome), *A. vera* (L.) Burm. (“baba” da babosa) e *Sideroxylon obtusifolium* (Humb. ex Roen. & Schult.) T. D. Penn. (quixabeira) “baba” *P. gounellei* (alastrado).

Em sua fala seu Leu diz que:

Só tira a casca e a entrecasca da planta do lado que o sol nasce e não tira a casca em beira de estrada, porque não presta. A rapa de catingueira e a babosa estanca o sangue e para a inflamação, aí aplica na direção do cabelo se não nasce arrepiado.

**Manoel Adeilson B. da Silva (Ovelha aboiador – 36 anos), Santa Cruz de Capibaribe, vaqueiro a 26 anos**

Seu Manoel não citou o uso de plantas no tratamento de animais, mas contribuiu com uma estrofe da sua música “às vezes chega machucado/ das pancadas que levou/ mas não procura hospital/ele mesmo é o doutor/ que vaqueiro não se “enrasca” / faz o remédio da casca/ do pau que o machucou”.



**Inácio Mota da Silva (67 anos), Santa Cruz de Capibaribe, vaqueiro a 57 anos**

Seu Inácio Mota costuma usar várias plantas e outros recursos naturais para tratar afecções nos animais, destacando aqui a “rapa” da casca de *Manihot glaziovii* (Mull. Arg.) Allem. (maniçoba), utilizada para cortar o sangue, “rapa” das cascas de *C. pyramidale* (catingueira), *Ximenia americana* L. (ameixa), de *M. tenuiflora* (água de jurema preta), *A. occidentale* (água de cajueiro roxo) e “baba” de *A. vera* (babosa) e “baba” *P. gounellei* (alastrado). São também usadas no tratamento dos animais pedra branca (xexo branco) “banhas” de *Bufo* sp. (sapo), *Crotalus durissus* L. (cascavel) e *Tupinambis* sp. (tejú).

As cascas de *Commiphora leptophloeos* (Mart.) J. B. Gillett (imburana de cheiro), *Hymenaea courbaril* L. (jatobá) e *Dipteryx odorata* (Aubl) Willd. (cumarú) foram ainda citadas em tratamentos.

A rapa de maniçoba usa pra cortar o sangue. Para cicatrizar a ferida, coloca água de jurema preta ou de caju roxo ou da ameixa, bem curtida. A babosa cicatriza também. A rapa da catingueira, o cumaru e a casca de cedro ajuda a desinflamar o ferimento. Já para sair o espinho, corta o sapo na horizontal, tira a banha, colocando em cima do ferimento e enrola num pano e depois de 8 dias sai. A banha de teju, cascavel funciona também. A baba do alastrado puxa espinho também.

**Miguel Minerva Sobrinho (Miguel do leite-61 anos), Santa Cruz de Capibaribe, vaqueiro a 51 anos**

Seu Miguel citou várias plantas em preparações com água como: *M. tenuiflora*, *A. occidentale*, *M. rigida*, *X. americana*, *C. pyramidale*, *A. vera*, *S. obtusifolium* e *Schinus terrebinthifolius* Raddi (aroeira).

Águas de: bom-nome, quixabeira, ameixa, jurema-preta, caju roxo, aroeira, serve pra desinflamar a ferida. A babosa e catingueira ajuda na cicatrização. Para quebradura, muia o mastruz com leite. O interessante é que na fratura, a mistura do mastruz com leite, fica um anel verde (crença). Olhe eu já coloquei numa galinha o mastruz com leite por conta da quebradura, quando eu fui matar com um ano, tava o anel verde mesmo no lugar da fratura. Outra

crença, é que não pode fazer cirurgia no animal na presença de mulher menstruada. Outra coisa boa pra quebradura é o breu, pisa e bota na água para o animal beber. O enxofre farelado, é muito bom para a quebradura também é só misturar na ração. A “babinha” do alastrado é ótima para “puxar” o espinho do próprio alastrado, esquenta a “babinha” enrola com o pano e faz compressa. O fê do boi é muito bom pra puxar o espinho, é só molhar o pano com o fê do boi e colocar no animal ou passa o fê do boi no fermento e enrola com o pano.

**José Alves de Lira (Zuzu de bem bem-72 anos), Santa Cruz de Capibaribe,  
vaqueiro há mais de 55 anos**

As plantas mais citadas por seu Zuzu de bem bem (como é mais conhecido) para o tratamento de machucados: *A. vera* (babosa), *S. obtusifolium* (quixabeira), *M. tenuiflora* (jurema preta), *A. occidentale* L. (cajueiro roxo), *P. gounellei* (alastrado), *Jatropha curcas* L. (leite de pinhão), *C. pyramidale* (catingueira) *Chenopodium ambosioides* L. (mastruz). O vaqueiro utiliza outros artifícios como recurso terapêutico como: chapéu de Baieta, o breu para a quebradura, o gás de candeeiro, banha de porco (*Sus scrofa domesticus* L.).

Usa os três juntos (quixabeira, jurema preta e cajueiro roxo) deixa curtir ou cozinhar para ajudar na cicatrização. Depois disso, passa a banha de porco, penteando o cabelo para não nascer assanhado. Para estancar o sangue, coloca leite de pinhão ou chapéu de baieta, cortando um pedaço do chapéu bem fininho e bota em cima que estanca o sangue. A rapa de catingueira também é bom para estancar sangue e amarra com um pano. Pra tirar espinho coloca a baba do alastrado. Para a quebradura é bom o breu! Amassa ele e coloca na ração ou o mastruz com leite que serve também.

**José Inácio Xavier (Zé de Inácio da Luz-64 anos) Brejo da Madre de Deus,  
vaqueiro há mais de 51 anos**

Seu Zé de Inácio da luz costuma usar para o tratamento de lesões do gado os seguintes recursos: *S. terrebinthifolius* (aroeira), *M. tenuiflora* (jurema preta), *X. americana* (ameixa), *S. obtusifolium* (quixabeira), *A. occidentale* L. (cajueiro roxo), banha de sapo, *Ovis aries* (sebo de carneiro), *P. gounellei* (alastrado), *Jatropha curcas*

L. (leite de pinhão), breu, *Cucumis anguria* L. (maxixe), *Hemidactylus mabouia* Moreau De Jones (banha de lagartixa).

Para cicatrizar a gente usa aroeira, jurema preta, caju roxo, ameixa, quixabeira. Para tirar espinho, a gente coloca banha de cascavel, banha de sapo, banha da lagartixa, sebo de carneiro capado e a baba do lastrado, e pra corte a gente coloca leite de pinhão em cima. Já pra quebradura, a gente usa breu e o pé de maxixe. É melhor pegar no pé as que tem menos folha e que já estão maduras. Tritura no pilão raiz com tudo, coloca água, peneira e bebe.

### 5.3 Recursos Utilizados

Nos municípios de Santa Cruz e de Brejo da Madre de Deus, os vaqueiros interagem diretamente com a fauna, flora e ingredientes que a natureza oferece para o tratamento de lesões.

Os dados indicam que fatores socioeconômicos (renda, escolaridade e idade) propiciam os vaqueiros a utilizar meios naturais para recursos terapêuticos nos animais. O que pode ser evidenciado, por exemplo, pelo fato de que alguns atores sociais não têm condições financeiras para comprar remédios sintéticos ou na hora que o animal sofre a lesões, decorrente do esporte de vaquejada, para não perder o animal o vaqueiro utiliza de meios naturais para suavizar até chegar um profissional.

O grupo de animais citados pelos entrevistados foi relativamente proporcional aos fitoterápicos, salientando que a maioria dos recursos vegetais citados pelos atores sociais entrevistados, já encontram comprovação científica na literatura especializada. Muitas das substâncias contidas nestas plantas têm reconhecido efeito cicatrizante em feridas, com sua aplicação datando de tempos longínquos, quando eram utilizados plantas e extratos vegetais, na forma de cataplasmas, com o objetivo de estancar hemorragias e favorecer a cicatrização, algumas destas plantas são ainda referidas em atuação sistêmica, quando ingeridas em formulações como “águas” ou chás, (SILVA; MOCELIN, 2007).

Encontram-se expressos no Quadro 2 os resultados das entrevistas com os atores sociais sobre os recursos terapêuticos, que eles usam para o tratamento de afecções nos

animais ou neles mesmo. De acordo com os dados apresentados na tabela, pode-se observar que os entrevistados evocaram doze plantas e animais variados. Entre as plantas, as mais citadas pelos vaqueiros foram: jurema preta, alastrado, ameixa, aroeira, babosa, bom nome, cajueiro, catingueira, cumaru, mastruz, pinhão-manso e quixabeira. Parte dos vaqueiros entrevistados indicaram essas plantas para o tratamento de feridas, contudo, nas bases de dados e literaturas consultadas, como em trabalhos de Leite (2015) e Chaves (2014), a utilização delas se dá sobre outros aspectos também.

Quadro- 2 Recursos terapêuticos apreciados pelos vaqueiros para o tratamento de afecções em animais na cidade de Santa Cruz do Capibaribe e Brejo da Madre de Deus– PE, 2019

| Nome                          | Nº de Usuários | Nome científico   | Número de Citações | Indicações                                      |
|-------------------------------|----------------|---|--------------------|---|
| Alho (vegetal)                | 01             | <i>Allium sativum</i>   | 01                 | Quebradura                                      |
| Ameixa (vegetal)              | 13             | <i>Ximenia americana L.</i>                                       | 13                 | Cicatrização                                    |
| Angico (vegetal)              | 03             | <i>Anadenanthera colubrina</i> (Vell.)                            | 03                 | Cicatrização                                    |
| Aroeira (vegetal)             | 18             | <i>Schinus terrebinthifolius</i> Raddi                            | 18                 | Desinflamação;<br>cicatrização                  |
| “Baba” do Alastrado (vegetal) | 20             | <i>Pilocereus gounellei</i> (A. Webwr. ex K. Schum.) Bly. ex Rowl | 20                 | Desinflamação e puxa o espinho                  |
| “Baba” do Facheiro (vegetal)  | 02             | <i>Pilosocereus pachycladus</i>                                   | 02                 | Puxa o espinho                                  |
| “Baba” de Mandacaru (vegetal) | 03             | <i>Cereus jamacaru</i>  | 03                 | Puxa o espinho.                                 |
| “Baba” da Palma (vegetal)     | 01             | <i>Opuntia ficus-indica</i>                                       | 01                 | Puxa o espinho                                  |
| Babosa (vegetal)              | 13             | <i>Aloe vera</i> (L.) Burm.                                       | 13                 | Estanca sangue,<br>inflamação e puxa<br>espinho |
| Banha de Cascavel (animal)    | 08             | <i>Crotalus durissus</i>  | 08                 | Cicatrização                                    |
| Banha de Cágado (animal)      | 01             | <i>Phrynops hilarii;</i>  | 01                 | Puxa o espinho                                  |
| Banha de Galinha (animal)     | 01             | <i>Gallus gallus</i>  | 01                 | Puxa o espinho                                  |
| Banha de Lagartixa (animal)   | 01             | <i>Rhacodactylus leachianus</i>                                   | 01                 | Puxa o espinho                                  |
| Banha de Porco (animal)       | 05             | <i>Sus scrofa domesticus</i>                                      | 05                 | Desinflamação                                   |
| Banha de Sapo (animal)        | 02             | <i>Bufo ictericus</i>   | 02                 | Puxa o espinho                                  |
| Banha de Teiú (animal)        | 01             | <i>Tupinambis teguixim</i>  | 01                 | Puxa o espinho                                  |

|                               |    |  |    |   |
|-------------------------------|----|--|----|---|
| Barba de Antenor (vegetal)    | 01 | <i>Tillandsia usneoides</i> L.                     | 01 | Desinflamação                                       |
| Batata de purga (vegetal)     | 02 | <i>Operculina macrocarpa</i>                       | 02 | Quebradura  |
| Bom-nome (vegetal)            | 08 | <i>Monteverdia rigida</i> Mart. Biral              | 08 | Desinflamação                                       |
| Breu                          | 18 | -  | 18 | Quebradura  |
| Cabacinha (vegetal)           | 01 | <i>Luffa operculata</i>                            | 01 | Puxa o espinho                                      |
| Cajueiro roxo (vegetal)       | 10 | <i>Anacardium occidentale</i> L.                   | 10 | Antinflamatório                                     |
| Catingueira (vegetal)         | 06 | <i>Cenostigma pyramidale</i> (Tul.) Gangnon & G.P. | 06 | Estanca sangue                                      |
| Cedro (vegetal)               | 04 | <i>Cedrela fissilis</i>                            | 04 | Cicatrização  |
| Chapéu de Baieta              | 04 | -  | 04 | Estanca sangue                                      |
| Colorau (vegetal)             | 01 | <i>Bixa orellana</i> L.                            | 01 |   |
| Cumaru                        | 08 | <i>Dipteryx odorata</i> (Aubl.) Willd.             | 08 | Desinflamação;<br>cicatrização                      |
| Enxofre (mineral)             | 08 | -  | 08 | Quebradura  |
| Fel do Boi (animal)           | 03 | <i>Bos taurus</i>                                  | 03 | Puxa o espinho                                      |
| Gás de candeeiro (mineral)    | 01 | -  | 01 | Auxilia na cicatrização                             |
| Jenipapo                      | 01 | <i>Genipa americana</i> L.                         | 01 | Desinflamação                                       |
| Juazeiro (vegetal)            | 01 | <i>Ziziphus joazeiro</i>                           | 01 | Desinflamação                                       |
| Jurema preta                  | 21 | <i>Mimosa tenuiflora</i> (Willd.) Poir             | 21 | Cicatrização;<br>desinflamação                      |
| Leite de Peão (vegetal)       | 09 | <i>Jatropha curcas</i>                             | 09 | Estanca sangue,<br>desinflamação e<br>cicatrização. |
| Leite de vaca (origem animal) | 04 | -  | 04 | Auxilia no<br>melhoramento da<br>quebradura         |
| Maniçoba                      | 02 | <i>Manihot glaziovii</i> 0(Mull. Arg.) Allem.      | 02 | Estanca sangue e para<br>cicatrização               |
| Marmeleiro (vegetal)          | 01 | <i>Ruprechtia laxiflora</i> Meisn.                 | 01 | Cicatrização.                                       |
| Mastruz (vegetal)             | 14 | <i>Chenopodium ambosioides</i> L.                  | 14 | Desinflamação e para<br>quebradura                  |
| Maxixe (vegetal)              | 02 | <i>Cucumis anguria</i> L.                          | 02 | Quebradura  |
| Mororó (vegetal)              | 01 | <i>Bauhinia cheilantha</i>                         | 01 | Auxilia a estancar<br>sangue                        |
| Piranha (vegetal)             | 02 | <i>Laetia apetala</i> Jacq                         | 02 | Cicatrização  |

|                                  |    |  |    |                         |
|----------------------------------|----|--|----|-------------------------|
| Quixabeira (vegetal)             | 19 | <i>Sideroxylon obtusifolium</i> (Humb. ex Roen. & Schult.) T. D. Penn. | 19 | Cicatrização            |
| Rabo de Tatú (origem animal)     | 01 | <i>Euphractus sexcinctus</i>   | 01 | Puxa o espinho          |
| Sal (mineral)                    | 03 | -  | 03 | Auxilia na cicatrização |
| Sebo de Carneiro (origem animal) | 02 | <i>Ovis aries</i>  | 02 | Puxa o espinho          |
| Velame (vegetal)                 | 01 | <i>Croton moritibensis</i> Baill.                                      | 01 | Cicatrização            |

Foram citadas variedades de plantas e outros recursos para tratamento de afecções, especialmente nos animais. *A. vera* (babosa) é referida entre os atores sociais entrevistados como cicatrizante em feridas, Bieskie e De La Cruz (2005) refere á espécie para tratamento de queimaduras e como cicatrizante de feridas, em estudo realizado sobre quintais medicinais na cidade de Cuiabá – MT. Os mesmos autores destacam também o uso da espécie *C. ambrosioides* (matruz) no tratamento de contusões e entorses, na pesquisa ora apresentada os entrevistados relataram o uso do mastruz em fraturas, resultado que corrobora com as análises em estudos acima referidos.

As espécies *P. gounellei* (alastrado) e *M. tenuiflora* (jurema preta) foram as mais citadas pelos entrevistados para a cicatrização de afecções nos animais. A função da *P. gounellei* é induzir que o espinho que adentrou na pele do animal ou do vaqueiro seja expulso, segundo os entrevistados. Na pega de boi é muito comum acontecer, visto que esse esporte ocorre nas entranhas da caatinga. Entretanto, Nascimento (2016) afirma que para a espécie *P. gounellei*, não se encontram registros de indicação como cicatrizante em feridas.

Para *M. tenuiflora* (jurema preta), Tellez e Dupoy de Guitard (1990) relataram o uso no tratamento tópico do eczema (concentração de 10%), bem como contra as inflamações (como um pó produzido a partir da casca seca) nos seres humanos. Em um experimento semelhante, o uso da casca seca de *M. tenuiflora* mostrou-se eficiente na cicatrização de feridas (DUPOY DE GUITARDG, 1990). Estudos farmacológicos demonstraram que as partes aéreas da planta possuem propriedades anti-inflamatórias (SANTANA, 2012). As propriedades terapêuticas atribuídas a jurema preta nas

pesquisas acima referidas revelam semelhança com os registros dos vaqueiros em nosso estudo.

A espécie *A. cearenses* (cumaru) tem como principais indicações terapêuticas o tratamento de defluxo, sinusite, coriza, tosse, bronquite, afecções pulmonares, dores reumáticas, inflamação da garganta, asma, vitiligo, edema, perturbações digestivas, dor de barriga, cólicas intestinais e cólicas uterinas (SOUZA; RODRIGUES, 2016). Contudo, a espécie é também indicada em processos de desinflamação e edemas, auxiliando no tratamento das lesões (SOUZA; RODRIGUES, 2016), confirmando algumas informações apresentadas por vaqueiros, nessa pesquisa.

A maior parte dos vaqueiros entrevistados referem o bom nome (*M. rigida*) para uso em feridas como cicatrizante, entretanto, Lima (2010), em pesquisa sobre a ação cicatrizante da espécie para tratamento de afecções na pele, utilizando a aplicação tópica do extrato etanólico da casca nas doses de 3, 10 ou 30 mg/0,4 mL de creme Lanette, 2 vezes ao dia, não constatou atividade cicatrizante significativa após 48 h da indução da ferida em ratos, ou seja, não foi capaz de aumentar a tensão de abertura das cicatrizes na pele dorsal de ratos. O que se pode observar, é que muitas vezes o saber popular não necessariamente se coaduna como o saber da academia e que as crenças tradicionais se mantêm nos grupos pela força própria da tradição.

As cascas de *S. terrebinthifolius* (aroeira) e do cajueiro servem para a cicatrização de feridas. A casca da aroeira é usada como anti-inflamatório e cicatrizante natural (CARMELLO-GUERREIRO; PAOLI, 1999). A casca da *A. occidentale* (cajueiro) tem efeito cicatrizante. Estudos em animais demonstraram a ação anti-inflamatória e cicatrizante da *A. occidentale*, em que as lesões foram reduzidas até a cura total, sem qualquer evidência de efeitos colaterais ou reações adversas (SCHIRATO, 2006; PAIVA, 2013), corroborando com as afirmações dos vaqueiros para com tratamento das afecções.

A espécie *S. obtusifolium* (quixabeira) é referida entre os vaqueiros entrevistados como cicatrizante em feridas, Leite (2015) refere à espécie com o efeito anti-inflamatório e antioxidante, em estudo realizado sobre atividades cicatrizantes, pesquisa desenvolvida no município de Canindé de São Francisco - SE. Os vaqueiros destacam também a *X. americana* (ameixa) para a cicatrização, assemelhando-se a estudos de

Chaves et al., (2014), que afirmam ser a espécie, uma planta amplamente utilizada em todo o Brasil para o tratamento de doenças inflamatórias e cicatrização de ferimentos cutâneos.

A espécie *J. curcas* (pinhão-manso), é citada entre os atores sociais, tendo o efeito cicatrizante. Num estudo realizado em camundongos, Shetty e colaboradores, analisaram o extrato bruto de *J. curcas* e notou-se um rápido processo de cicatrização de feridas por vários aparatos ainda não esclarecidos (SHETTY et al., 2006). Em 1994, Salas e colaboradores, verificaram o efeito cicatrizante do látex de *J. curcas* sobre feridas cirúrgicas na pele de camundongos Balb/c. O efeito cicatrizante foi observado apenas nos camundongos machos e doses múltiplas numa concentração acima de 50% apresentavam efeito cáustico sobre a pele tratada (SALAS et al., 1994).

O uso de órgãos ou partes de animais para fins terapêuticos, fazem parte dos conhecimentos tradicionais dos vaqueiros para diversas finalidades, inclusive para a cicatrização. Os entrevistados mencionaram principalmente banhas: de porcos, sapos, cascavel (cobra).

Nos estudos de Dounelles (2010) observou-se que na América do Sul foram detectados potentes peptídeos antimicrobianos e cicatrizantes em anuros das espécies *Phyllomedusa bicolor*, *P. distincta*, *P. tarsiis* e *P. sauvagei*, ambas pertencentes ao gênero *Phyllomedusa*. Condizendo com as afirmações dos vaqueiros sobre o efeito da banha de sapo no animal para a cicatrização.

Em pesquisa realizada no rio Negro, Amazônia- MA detectou que a sucuri (*Eunectes murinus*) foi o animal mais citado nas entrevistas (47 citações), por garantir que a sua gordura é utilizada para diversas enfermidades, inclusive para cicatrização de feridas. É indicada também no tratamento de 'rasgadura' (distensão muscular), 'quebradura' (rompimento de estruturas ósseas), como antibiótico em processos inflamatórios e respiratórios (pneumonia, gripe, entre outros). Além de doenças cutâneas como a leishmaniose ("ferida brava") e em problemas circulatórios, como derrame, reumatismo e inchaço. O recurso terapêutico da gordura da serpente foi alegado em outros estudos, como o uso do óleo para curar leishmaniose, reumatismo e cistite no rio Araguaia (BEGOSSE; BRAGA, 1992).



Algumas das espécies botânicas citadas pelos entrevistados já figuram em estudos científicos como importantes no tratamento de doenças, estes dados revelam a necessidade de se buscar nas fontes os recursos utilizados por grupos tradicionais para desenvolver pesquisas na produção de novas substâncias ativas, que fomentem as indústrias químicas e farmacêuticas.

## CONCLUSÕES

Os atores sociais que compuseram o recorte amostral desta pesquisa fazem largo uso de plantas, animais e outros recursos para tratar dos animais que se machucam durante as pegadas de boi.

As plantas são os recursos mais comumente utilizados quando necessário. As cascas das plantas colocadas em água representam a forma de manipulação mais comum entre os entrevistados, tanto para ingestão quanto para uso tópico.

As banhas de animais se constituem ainda grande recurso nos tratamentos de afecções registradas pelos vaqueiros entrevistados.

Mesmo tendo se adaptado aos novos tempos os vaqueiros ainda representam figuras icônicas nos sertões de nordestinos.

## REFERÊNCIAS

- ABVAQ (Associação Brasileira de Vaquejadas). 2017. Disponível em: <http://www.abvaq.com.br/institucional/regulamento>. 16p. Acesso em: 15 jun, 2019.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. **A invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 2011.
- \_\_\_\_\_. **Nordestino: invenção do falo** – uma história do gênero masculino (1920-1940). São Paulo: Intermeios, 2013b. (Coleção Entregêneros).
- BASTIDE, R. **Brasil: terra de contrastes**. 6<sup>a</sup> ed. São Paulo: Difel, 1975.
- BEGOSSI, A.; BRAGA, B. Food taboos and folk medicine among fishermen from the Tocantins River (Brazil). **Amazoniana**, v. 12, n. 1, p. 101-118, 1992.
- BIESKE, I. G. C.; DE LA CRUZ, M. G. **Quintais Medicinais** – Mais saúde, menos hospitais. Cuiabá – MT: Governo do Estado do Mato Grosso, 44p. 2005.
- BOAVENTURA, E. A. **Fidalgos e vaqueiros**. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1989.
- CARMELLO-GUERREIRO, S. M.; PAOLI, A. A. S. Morfologia e anatomia da semente de *Schinus terebinthifolius* Raddi (Anacardiaceae) em desenvolvimento. **Revista Brasileira de Botânica**, v. 22, n.1, p. 91-98, 1999.
- CARNEIRO, D. **O boi mulatinho**. Barra de São Miguel – PB, maio 2015.
- CASCUDO, L. C. **Alma Patrícia: crítica literária**. Edição Fac-similar de 1921. Mossoró: ESAM; Fundação Guimarães Duque, 1991. (Coleção Mossoroense. Série C, v. 743).
- \_\_\_\_\_. **Tradições populares da pecuária nordestina**. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura / Serviço Informação Agrícola, 1965.
- \_\_\_\_\_. **Dicionário do folclore brasileiro**. 10<sup>a</sup> ed. São Paulo: Global, 2001 a.
- CASTELLO BRANCO, F. G. **Ataliba, o vaqueiro**. Teresina: Corisco, 2004.
- \_\_\_\_\_. **Ataliba, o vaqueiro**. 10<sup>a</sup> ed. Teresina: Fundação Quixote, 2011.
- CHAVES, E. M. F et al., Um olhar sobre *Ximenia americana* L. e suas potencialidades. **Acta Tecnológica**, v. 9, n. 1, p. 70-77, 2014.
- DORNELLES, M. F; MARQUES, M. G. B; RENNEN, M. F. Revisão sobre toxinas de Anura (Tetrapoda, Lissamphibia) e suas aplicações biotecnológicas. **Ciência em Movimento**, v. 14, n. 24, p. 31-49, 2010.
- FARIA, O. L. **Encouramento e arreios do vaqueiro do Seridó**. Natal: Fundação José Augusto, 1969.
- FEIRE, P. **Professora, sim; tia não: cartas a quem ousa ensinar**. 24<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro, 2013.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas, p. 43, 1999.

**HISTÓRIA DA VAQUEJADA**. 2011. Disponível em: [www.tudosobrevaquejada.webnode.com.br/historia-da-vaquejada](http://www.tudosobrevaquejada.webnode.com.br/historia-da-vaquejada). Acesso em: 08 mai, 2019.

GOODMAN, L. Snowball Sampling. **Annals of Mathematical Statistics**, v. 32, p. 148-170, 1961.

IBGE. **Censo demográfico**. Brejo da Madre de Deus. Infográficos. Evolução populacional e pirâmide etária. 2010. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pe/brejo-da-madre-de-deus/panorama>. Acesso em: 15 jun, 2019.

IBGE. **Censo demográfico**. Brejo da Madre de Deus. Infográficos. Evolução populacional e pirâmide etária. 2010. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pe/santa-cruz-do-capibaribe/panorama>. Acesso em: 15 jun, 2019.

IBGE. **Cidades**. População Estimada. Município de Santa Cruz do Capibaribe – PE, 2019. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pe/santa-cruz-d-capibaribe/panorama>. Acesso em: 30 mai, 2019.

LEITE, N. S et al., Avaliação das atividades cicatrizante, anti-inflamatória tópica e antioxidante do extrato etanólico da *Sideroxylon obtusifolium* (quixabeira). **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, Campinas, v. 17, n. 1, p. 164-170, 2015.

LIMA A. P et al., Avaliação da atividade cicatrizante do extrato etanólico da casca da *Maytenus rigida* Mart. (Celastraceae). **Scientia Plena**, v. 6, n. 3, 2010.

LIRA, J. A. **Comunicação pessoal**. 2019

MACEDO A. F; OSHIWA, M; GUARIDO, C. F. Ocorrência do uso de plantas medicinais por moradores de um bairro do município de Marília – SP. **Revista de Ciência Farmacêutica Básica Aplicada**, v. 28, n. 1, p. 123-8, 2007.

MACHADO, L. H. B. As representações entremeadas no comércio de plantas medicinais em Goiânia/GO: uma reflexão geográfica. **Sociedade & Natureza**, v. 21, n.1, p. 159-172, 2009.

MATOS, F. J. A.; BEZERRA, A. M. E. **Plantas medicinais no Ceará** - situação e perspectivas. SOB INFORMA, Curitiba, v. XI, n. 2, v. XII, n. 1, p. 21 – 22, 1993.

MEDINA, M. F. R. Aboio: poesia e canto no compasso do gado. Palmas- TO. **Miscelânea**, Assis, v. 21, p. 51-72, 2017.

MENDIETA, M. C et al. Plantas tóxicas: importância do conhecimento para realização da educação em saúde. **Revista de Enfermagem UFPE on line**, Recife, v. 8, n. 3, p. 680-686, 2014.

MONTEIRO, M. J. S. **Papel das plantas medicinais na questão de gênero dentre as mulheres pescadoras - erveiras do Espaço Erva Vida Sossego/Marudá/Marapanim**. 2011. 96p. Dissertação (Mestrado – Área de Concentração em Uso e

Aproveitamento dos Recursos Naturais) - Núcleo de Meio Ambiente, Universidade Federal do Pará, Belém. 2011.

MOURÃO, J. S; NORDI, N. Pescadores, Peixes, Espaço e Tempo: uma abordagem etnoecológica. **Interciência**, v. 31, p. 358-363, 2006.

NASCIMENTO, M. W. A. et al. Indicações de plantas medicinais realizadas por raizeiros para tratamento de feridas. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, 2016.

OZAKI A. T; DUARTE, P. C. Fitoterápicos Utilizados na Medicina Veterinária, em Cães e Gatos. **Revista Infarma**, v. 18, n. 11/12, p. 17-25, 2006.

PAZ, O. **El arco y la lira**. 3<sup>a</sup>. ed. México: Fondo de Cultura Económica, 1998.

**PERNAMBUCO. Município de Brejo da Madre de Deus**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pe/brejo-da-madre-de-deus/panorama>. Acesso em: 25 mai, 2019.

QUEIROZ, W. Bahia e vaqueiros: um débito. **Revista FACED**, Salvador, n. 17, p. 71-84, 2010.

RIBEIRO, E. M. Vaqueiros, bois e boiadas- trabalho, negócio e cultura na pecuária do nordeste mineiro. **Estudos Sociedade e Agricultura**, v. 6, p. 135-164, 1998.

SALAS, J et al. Cicatrization effect of *Jatropha curcas* latex (Angiospermae: Euforbiaceae). **Revista de Biologia Tropical**, v. 42, n. 1-2, p. 323-326, 1994.

SANTANA, D. G. Beneficial effects of the etanol extract of *Caesalpinia pyramidalis* on the inflammatory response and abdominal hyperalgesia in rats with acute pancreatitis. **Journal of Ethnopharmacology**, v. 142, p. 445-455, 2012.

SCHIRATO, G. V. Application of the polysaccharide from cashew gum in the rehabilitation of experimental cutaneous lesions in mice. Caxambu, Minas Gerais. **Anais [...]** São Paulo: Sociedade Brasileira de Bioquímica e Biologia Molecular; 2003, p. 100. *In*: Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Bioquímica e Biologia Molecular, 2003.

SHETTY, S et al. Wound healing activities of Bark Extract of *Jatropha curcas* Linn in albino rats, **Saudi Medical Journal**, v. 27, n. 10, p. 1473-1476, 2006.

SILVA, A. L; Animais medicinais: conhecimento e uso entre as populações ribeirinhas do rio Negro, Amazonas, Brasil. Boletim do museu Paraense Emílio Goeldi. **Ciências Humanas**, v. 3, n. 3, p. 343-357, 2008.

SILVA, D. M; MOCELIN, K. R. O cuidado de enfermagem ao cliente portador de feridas sob a ótica do cuidado transcultural. **Nursing**, v. 9, n. 105, p. 8188, 2007.

SOUZA, D. R; RODRIGUES, E. C. A. M. S. Plantas medicinais: indicação de raizeiros para o tratamento de feridas. **Revista Brasileira em Promoção da Saúde**, Fortaleza, v. 29, n. 2, p. 197-203, 2016.

TELLEZ, P. J; DUPOY DE GUITARD, J. Pharmaceutical preparation containing *Mimosa tenuiflora* extract with skin-regenerating properties. **European Patent Office**, v. 349, p. 469, 1990.

ZUMTHOR, P. Introdução à poesia oral. Trad. de Jerusa Pires Ferreira, Ma. Lúcia Diniz Pochat e Ma. Inês de Almeida. Belo Horizonte: **Editora UFMG**, 2010.